



**Memórias e Trajetórias de Vida**

# A TRAJETÓRIA DE VIDA INTELECTUAL DE VICTOR DUMONCEL FILHO

## A path of intellectual Victor Dumoncel Filho life's Camino de la trayectoria intelectual de Victor Dumoncel Filho

Isléia Rossler Streit<sup>1</sup>

1. Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (2003), docente no Departamento de História da UNICENTRO, Campus de Irati-PR

**STREIT. Isléia Rossler. A trajetória de vida intelectual de Victor Dumoncel Filho e suas implicações na Primeira República. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. Irati, v. 03, n. 01, p. 63-73, 2012.**

### Resumo

Victor Dumoncel Filho é o personagem deste texto. Sua trajetória de vida está vinculada à história política do Rio Grande do Sul, especialmente quanto aos anos que compreendem a Primeira República. Sua atuação se deu com maior proeminência entre os anos de 1910 e 1930, porém sua influência política local e estadual extrapola esta data e se estende até o período de 1960 nos anos da ditadura militar.

### Palavras-chave

História política, intelectualidade, trajetória de vida.

### Abstract

Victor Dumoncel Filho Victor Dumoncel Son is the character of this text. His life story is linked to the political history of Rio Grande do Sul, especially for the years comprising the First Republic. His performance was given greater prominence in the years 1910 and 1930, but its influence local politics and state extrapolates this date and extends to the period of 1960 years of military dictatorship.

### Keywords

Political history, intellectual, life path.

### Resúmen

Víctor Dumoncel Filho es el carácter de este texto. Su historia de vida está ligada a la historia política de Rio Grande do Sul, en especial para los años que comprenden la Primera República. Su actuación fue dado una

mayor importancia en los años 1910 y 1930, pero sus influir en las políticas locales y estatales extrapola esa fecha y se extiende hasta el período de 1960 años de dictadura militar.

## Palabras clave

Historia política, intelectual, trayectoria.

O final do século XIX é dotado de acontecimentos na estrutura política brasileira capaz de caracterizar o período com peculiaridades bastante férteis para pesquisas históricas. De um modo geral, nas sombras do nascente período republicano se projetavam os conceitos e as práticas políticas herdados do sistema colonial e também do período monárquico, adquirindo, em alguns cenários, reproduções vigorosas somadas às estratégias de construção do “novo” poder institucional. Ou seja, discute-se o novo, o novo regime de governo, nas estruturas do antigo, na estrutura das facções que se articulam e (re)articulam .

No campo das práticas políticas consolidaram-se estruturas de mando, articuladas a redes de poder e de mandonismo local em diferentes espaços do nascente país republicano. Práticas intituladas e em sua maioria vinculadas ao conceito de coronelismo atuaram nas instâncias políticas institucionais ou em consonância destas, em diferentes níveis. Ou seja, a história política tem se dedicado ao estudo da especificidade do poder local no Brasil, quer seja definido por coronelismo, patronagem, clientelismo, respeitando as características de ocorrência em níveis locais (municipais) e estaduais, seus entrelaçamentos e cooptações nas múltiplas realidades econômicas, sociais e culturais do país.

No campo das discussões teóricas, o terreno ora descrito se mostra ainda mais fértil, pois é possível ensaiarmos novos olhares, outros focos e visualizar determinantes ocultas pelos olhares investigadores e seus trabalhos já concluídos. Trocando as falas, os estudos sobre a história política brasileira, tomam elementos da história cultural, tais como trajetória de vida e de intelectualidade, no sentido de significar o olhar da história política pela abordagem da cultura. Sandra Jatahy Pesavento ressalta o político entre correntes do domínio da História Cultural quando anuncia a releitura do político sob este viés. Segundo a autora, “às vezes chamada de Nova História

Política, essa postura resulta do endosso, pelos historiadores do político, dos pressupostos epistemológicos que presidem a análise na História Cultural” (PESAVENTO, 2008, p. 75).

Desta forma, à ação de líderes e personalidades locais atuantes nesta estrutura de mando republicana, e até antes dela, será somada às características intelectuais manifestadas, numa composição inovadora do cenário. Embebida no mundo das representações de poder, podemos amparar o estudo naquilo que os grupos ou os indivíduos utilizaram para acreditar em alguém ou em algo, constituindo elementos de poder simbólico e de coesão social (PESAVENTO, 2008). Neste sentido, o viés da intelectualidade é um elemento de análise pertinente para compor este quadro articulado de legitimidade de poder, muito mais de fato do que de direito.

Ressalta-se, neste sentido, o objetivo central deste texto que é de (re) significar a atuação do coronel republicano Victor Dumoncel Filho no estado do Rio Grande do Sul, sob a ótica da intelectualidade, trabalhando a história política embebida nos pressupostos da história cultural. Ou seja, demonstrar os traços do “caudilho”, “gaúcho”, “peleador” da Revolução de 1923, armado para a prática da degola, relacionado às características de homem das letras, aos hábitos de leitura e escrita que possuía o coronel.

## **A intelectualidade nas estâncias do Rio Grande do Sul**

Para fins de contextualização, cabe lembrar que os anos iniciais da república sulina vivenciaram o conflito, silencioso e armado, de dois partidos políticos: Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e Partido Federalista (PF). Desta constituição partidária surgiram os principais grupos rivais de enfrentamento, que carregaram a responsabilidade, para o primeiro grupo, da constituição do novo cenário político que se formava no estado, centralizado na República; para o segundo grupo, da possibilidade de novas articulações com vista à manutenção do poder tido até então (FÉLIX, 1996). Portanto, para fins de contexto analítico, os anos iniciais da república gaúcha justificam o estudo de personagens representantes desta descrição, tomado seu passado intelectualizado como pauta de pesquisa na articulação dos conflitos e também no entendimento do quadro político.

A atuação política do coronel Victor Dumoncel Filho pode ser mais

bem relatada associada aos aspectos relacionados à vida do ‘caudilho’ – termo que se formou na região conhecida como a fronteira móvel do Rio Grande do Sul no século XVIII e XIX. Ou seja, diz respeito a tipos especiais de homens preparados para situações de enfrentamentos, que pudessem assegurar a manutenção do domínio utilizando-se de diferentes formatos, seja armado ou não. O termo caudilho, presente no estado desde sempre, foi transmutado para os coronéis do período republicano projetando-os de certa forma como heróis à maneira daqueles. O coronel em questão projetou a região do Planalto gaúcho, especialmente o município de Santa Bárbara do Sul, na esfera da política estadual, embora Victor nunca tenha aceitado ser chamado assim, como caudilho.

Algumas informações biográficas já foram sistematizadas por Loiva Otero Félix onde se relata sobre o personagem, que “nasceu na fazenda do Capão Ralo (10/4/1882), município de Cruz Alta, e faleceu em 6 de setembro de 1972 em Santa Bárbara do Sul. Foi a figura política mais importante da cidade de 1900 até 1937, embora sua atuação tenha continuado bastante identificada até o pós-64” (FÉLIX, 1996, p. 157).

Seguindo a prática desenvolvida por todos os estancieros da elite gaúcha, Victor Dumoncel Filho foi para São Leopoldo realizar seus estudos no Colégio dos Jesuítas, sendo colega de José Antônio Flores da Cunha, Getúlio Dorneles Vargas, Nereu Ramos, João Neves da Fontoura, Paim Filho, entre outros. Segundo depoimento de João Osório Dumoncel, filho do coronel Victor Dumoncel Filho, este se desentendeu com Getúlio Vargas no Colégio dos Jesuítas, razão pela qual permaneceriam como rivais posteriormente (STREIT, 2003).

Considerando os depoimentos já coletados dos familiares do personagem, presentes na obra de Streit, Victor Dumoncel Filho não seguiu seus estudos na Faculdade de Direito de São Paulo por motivos afetivos, pois era muito apegado à avó paterna, tendo voltado para Santa Bárbara, onde logo começou a conquistar seu espaço na política regional. Dentre suas ações, casou-se com a filha do general Firmino Paula, liderança significativa do PRR em nível estadual e líder absoluto em Cruz Alta. Segundo o depoimento de Lauro Prestes Filho, o coronel Victor casou-se por motivos políticos: “Foi uma maneira que ele encontrou para conseguir, mais rapidamente, chegar a cargos políticos de destaque”. Por indicação, em 1904 tornou-se promotor público; em 1906, recebeu o diploma do Centro Republicano de Cruz Alta, o

que comprova ter sido um correligionário do partido; em 1910, foi nomeado capitão assistente da 16ª Brigada de Cavalaria da Guarda Nacional; em 1912, foi eleito membro do Conselho Municipal de Cruz Alta, no qual, através das eleições seguintes, se manteve até 1923 (STREIT, 2010).

A conjuntura política republicana, que necessitava da colaboração dos coronéis para o continuísmo político, possibilitou a gradual ascensão de Victor Dumoncel Filho, que iria se consagrar na Revolução de 1923 e deixar visíveis suas características de liderança militar, bem como portador de um porte autoritário, imponente, destemido, senhor de um zeloso espírito de lealdade partidária ao PRR (FÉLIX, 1996). Os laços de parentesco com os principais líderes políticos regionais e estaduais justificam, também, seu destaque como força republicana no 4º Distrito de Cruz Alta – Santa Bárbara do Sul. Seu contexto familiar sugere outro elemento de composição da “estirpe”. Porém, para além dos dois elementos citados, os traços intelectuais do personagem se manifestam somando como fundamentais para a completa definição de sua trajetória de vida. Indiretamente, relaciona-se sua intelectualidade com a fundamentação e aporte para a própria elite política que esteve à frente da consolidação do PRR no estado.

Seguindo nesta percepção, se faz o estudo de trajetórias intelectuais trabalhando com elementos da história política do Rio Grande do Sul numa análise de escala reduzida e numa percepção de trajetórias individuais e familiares, de grupos sociais e redes de sociabilidade, mapeando continuidades e rupturas na formação de uma cultura de poder própria do final do século XIX e início do XX. Afinal, está vinculado ao próprio conceito de intelectualidade, permitir que tais personagens sejam vistos como mediadores culturais e como atores do político, relativamente engajados na vida política (GIL, 2010).

Sirinelli (1996) nos ajuda nestas definições, no sentido de olhar a produção intelectual como uma história de forte teor ideológico, ainda mais quando nela estão associados aspectos que manifestem uma grande paixão. Neste sentido, o contato e a dedicação de tais personagens com diversificadas leituras surge como uma constatação pertinente para a construção de uma concepção de intelectualidade política própria do período de transição monarquia/república no Rio Grande do Sul, indo contra, especialmente a representação formada no tocante aos redutos, a priori, rústicos, brutos e desprovidos de letras como são comumente projetadas as estâncias do interior do Estado.

Colaborando na perspectiva teórica de construção do campo, Francisco Falcon na sistematização da história das ideias, chama a atenção para os formatos de concepção obtidos por ela durante o século XX. Inicialmente a postura dos Annales, pouco simpática, condenando certo tipo de história das ideias, de viés positivista, feita de ideias descarnadas, coisificadas, e de estilo historizante. Porém, na observação de alguns de seus trabalhos, Bloch, com *Os Reis taumaturgos*, Lefebvre, com *O grande medo de 1789*, Lucien Febvre, com *Um destino*, Martinho Lutero, Erasmo, *A contra-reforma e o espírito moderno*, demonstram a possibilidade de realização de uma história da intelectualidade comprometida com uma análise, seja da coletividade, seja de psicologias individuais, seja englobando questões como a linguagem, como as crenças, a cultura popular, as concepções filosóficas (FALCON, 1997, p. 109).

As discussões historiográficas quanto ao próprio estatuto da ciência histórica e também dos limites e possibilidades de seus objetos e temas foram a partir dos Anales obtendo delineamentos e esclarecimentos. Tornaram-se mais plausíveis a partir da década de 1970, já então na terceira geração das discussões, apontando perspectivas de uma nova abordagem do real passado, que coloca a História em alta novamente (PESAVENTO, 2008). Com a história intelectual, não foi diferente. Portanto, a história intelectual tem oscilações constitutivas próprias na caminhada para a definição de seu corpus, especialmente neste tema de abordagens que segue no caminho da cultura.

Na afirmação de Sirinelli, a metade da década de 1970 significou um novo impulso para a história intelectual, no sentido de minimizar seu caráter indigno, obtendo aumento de estudos principalmente pelo âmbito do social. Às discussões da história da intelectualidade estão associados os esforços da história política e da história cultural, no interesse de seus pesquisadores por grupos sociais estatisticamente limitados, pelas contribuições da biografia, pela história do tempo presente, etc. Neste sentido, cabe aos pesquisadores deste aporte teórico, ajudar na sua reabilitação, dando suporte teórico-metodológico capaz de mostrar sua função na construção historiográfica de seus cenários (SIRINELLI, 2003).

Neste sentido, nos perguntamos: como identificar a intelectualidade nas ações políticas destas lideranças locais, destes caudilhos ou quer sejam coronéis? Questionamento de ligação entre o personagem pesquisado e os pressupostos teóricos da história intelectual, além da própria história política,

criam um laço de pertencimento da conceituação com o caso. Neste sentido, lembramos que a república gaúcha inaugurou um novo formato de mando, de estrutura local de mando como já foi definido pela historiografia (FÉLIX, 1996; ELMIR, 1993; PERES, 1994) salvo até mesmo uma nova cultura política, com características bastante associadas à personalidade de seus líderes, como nos é oportuno de exemplo Victor Dumoncel Filho.

Sirinelli propôs duas questões que nos servem, ainda hoje, de parâmetro para responder dúvidas como as que cercam nosso personagem de estudo. Para ele, o grupo, de intelectuais, objeto de estudo, pode ser definido com o caráter sociológico e cultural que engloba os criadores e mediadores culturais, tais como jornalistas, professores, escritores, etc.; bem como, definidos pelo cunho político, referindo-se àqueles engajados, direta ou indiretamente na vida das cidades. Ainda assim, nada impede que as duas posições possam ser trabalhadas de maneira articulada, na perspectiva de complementaridade, tendo em vista que a especialidade cultural do intelectual possa refletir sua postura política, ou vice-versa (SIRINELLI, 2003).

Victor Dumoncel Filho em sua trajetória política fez por opção se manter ligado à cidade de onde suas raízes lhe amparavam, portanto fez de sua cidade, Santa Bárbara do Sul, um local de projeção. Não era necessário sair, no sentido de fixar residência em outro lugar, para dar conta de seus afazeres políticos. O coronel montou uma estrutura de ligação que atraíam para ele os olhares e a caminhada daqueles que necessitavam de seus serviços, inclusive ‘aconselhamentos’ políticos sobre as decisões e os rumos a serem tomados pelo estado.

Em uma reportagem da Revista do Globo, de 1962, o repórter Ney Fonseca, descreveu sobre Dumoncel, que “olhando-o bem, jamais diríamos que foi um homem terrível, um homem cuja voz de comando poderia matar ou salvar condenados ao fuzilamento”. Neste sentido, se projeta uma de suas características: de homem sábio, cometido, proveniente de uma eclética formação intelectual capaz de entender os processos e acontecimentos políticos, constitucionais, além dos bélicos do estado e também do país (STREIT, 2003).

Em seu acervo documental encontram-se em catalogação inúmeras revistas de circulação nacional e estadual, como exemplo a revista O Cruzeiro; diversos jornais regionais e também de circulação estadual, como por exemplo O Jornal Correio do Povo e o Diário Serrano. Tal característica atribui a Dumoncel uma liderança capaz de ter um entendimento para além da sua



região de atuação.

O hábito da leitura e da escrita deu a ele traços diferentes dos demais coronéis da região. É comum verificar nas revistas e nos jornais escritas do coronel manifestando seu ponto de vista sobre a reportagem, sua crítica, sua sistematização ou questionamentos sobre o assunto. Para citar um exemplo, consta suas anotações feitas em 25 de abril de 1957 na revista O Cruzeiro, de 13 de novembro de 1957, sobre a foto do ex-governador do estado Borges de Medeiros:

Numa tarde chuvosa, escura (são 6:05) triste, como são as de pleno inverno, acabo de ler as declarações indiretas do grande homem Dr. Borges, toda ponderação e verdades! Lutei ao seu lado desde os 18 anos, só falhei em 1932, o que muito me arrependo, depois do erro voltei a respeitá-lo e a admirá-lo como sempre (FÉLIX, 1996).

Conduta esta responsável, em muitos casos, pelos encontros em sua casa com lideranças políticas estaduais para a troca de ideias e para o planejamento de ações futuras.

## Conclusão

Relacionar personagens políticos, ações políticas no interior gaúcho do início do século XX parece fugir às caracterizações comumente escritas, narradas. Por ora, exemplificamos o hábito do coronel. Mesmo já passados os anos de sua mais atuante presença política, entre 1910 e 1930, noutro cenário sócio-político que compreende o da década de 1950, dedicava-se ao entendimento dos acontecimentos em que esteve mergulhado, teorizando e refletindo sobre eles, como nos mostra o fragmento acima. Neste sentido, por vias da história intelectual podemos, com este caso específico, associar à característica de homem do campo e do interior, coronel das armas, das lutas e das batalhas presentes nos textos escritos pela historiografia para tratar do coronel no Brasil sugestões de revisões para a concepção de liderança local no estado.

Questionar se os elementos de homem com seus capangas, que impunha o respeito pelas armas e pela violência, o terrível homem, eram apenas os únicos

necessários para manter a relação tão próxima e de cooptação com a república positivista de Borges de Medeiros, se faz necessário. Para tanto basta lembrar, com Loiva Otero Félix, os aspectos essenciais para a compreensão do coronel gaúcho do período republicano: a oposição ao ideal de representatividade da ideologia liberal; a desconsideração pela verdade eleitoral; a concepção de liberdade sob tutoria; o conservadorismo, elitismo e autoritarismo, o ideal de moralização dos indivíduos e da sociedade pela tutela do estado, exercida pelo governo esclarecido, entre outros (FELIX, 1996).

Os estudos sobre o coronelismo no estado manifestam dois elementos principais como mecanismos de articulação do poder do estado com o poder dos coronéis, ou seja, a organização policial e seu aparato coercitivo e a legislação eleitoral e a regulação das eleições em nível local (FÉLIX, 1996, p. 133). Com a ampliação das percepções sobre a importância da inserção de estudos de trajetória de vida política das lideranças, bem como as características de intelectualidade descritas no texto, podemos contribuir com a re-significação e a ampliação destes elementos no sentido de outra leitura do tema do coronelismo no Rio Grande do Sul e também na historiografia brasileira.

## Referências

- CARONE, Edgar. Coronelismo: definição histórica e bibliográfica. **Revista de Administração de Empresas**. Rio de Janeiro: FGV, 11(3), jul/ago. 1971.
- COLUSSI, Eliane Lucia; DIEHL, Astor Antonio. **Guardados da memória política: o caso dos Vargas**. Passo Fundo: EDIUPF, 2008.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. In: **Memória e sociedade**. Rio de Janeiro: Beltrand do Brasil, 1990.
- DIEHL, Astor Antonio. **A cultura historiográfica dos anos 80: mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira**. Porto Alegre: Evangraf, 1993, vol. IV.
- ELMIR, Cláudio Pereira. Olhares sobre si e o outro: as várias faces do coronelismo. **Cadernos de Estudos – Curso de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, n. 8, dez. 1993.
- FALCON, Francisco. História da Idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologias**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

KONDER, Leandro. História dos Intelectuais nos anos 1950. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PERES, Sebastião. **Coronéis e colonos: das crises internas do poder coronelístico à emergência dos colonos como sujeitos autônomos**. (Dissertação de Mestrado). PUCRS, Porto Alegre, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. IN: RÉMOND, René. (org.) **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro, 2003.

STREIT, Isléia Rossler. **Entre ditos e não-ditos: o coronelismo e a imigração**. Passo Fundo: Ediupf, 2003.

STREIT, Isléia Rossler. O coronelismo e a imigração alemã no Planalto Médio Gaúcho durante a República Velha. In: HEINSF ELD, Adelar [ et al] (orgs). **Política e cultura**. Passo Fundo: Méritos, 2010.

**Recebido em:** 30 de janeiro de 2012.

**Aprovado em:** 06 de março de 2012.